



AFFIRMAÇÕES DE "PRINCIPIOS"...

Fala então o sr. dr. Antonio José de Almeida. Dirige d'alli a sua saudação ao chefe do Estado, não com o espirito de cortezão de quem espera uma esmola, mas de cabeça erguida e pernas bem hirtas. Foi sempre de pé que subiu as escadas do palacio de Belem que muitos desejariam subir com os pés e com as mãos.

(1.º Congresso Evolucionista.)
(Do «Diario de Noticias»)



Todos os meios são bons para alcançar os fins... Não é assim, Estevão?

BALANÇOS

Vamos, meus senhores. Mettam a mão na sua consciencia e digam-nos: o que tem o paiz lucrado com a mudança d'instituições?

Iam mal as coisas antes de 5 d'outubro? Ninguem o pode contestar. Como se estava vivendo nos ultimos annos da Monarchia, não tinha geito nenhum. Mas o mal não era do regimen. Os defeitos estavam nos homens, manifestados n'uma grande crise politica de partidos. Quando affirmamos que as instituições não eram culpadas, fazemo-lo não por espirito de partidario faccioso, mas por um preito á verdade incontestavel, por muito que isto peze a certas creaturas que teem por dever de cargo sapatear sobre o velho regimen. Durou a Monarchia em Portugal approximadamente 9 seculos! Com ella nasceu a nacionalidade; com ella se alargou o seu territorio; com ella descobrimos novos mundos; com ella espalhámos a fé nos impios; com ella conquistámos os dominios ultramarinos que nos dão o lugar de 4.^a potencia colonial; com ella defendemos a nossa independencia do ataque dos mais poderosos inimigos; com ella vencemos em Africa os rebeldes; com ella alcançamos a mais invejavel situação internacional que é dado ambicionar; com ella honrámos sempre a Cruz, a Espada e o nome Portuguez!

Negar estes gloriosos padrões será negar a nossa propria existencia, a nossa razão de ser. Elles vivem collocados bem alto para brilhar eternamente como fochos de immorredora luz. Por mais que se esforcem, não os attingem as perdas asininas dos pigmeus, prezos ás mangedouras dos interesses pessoases.

Teem portanto que aceitar essas paginas da nossa vida nacional — d'uma vida de 9 seculos d'existencia! — como os factos o affirmam. E nas affirmações da Historia está a demonstração cabal, completa, irrefutavel de que o regimen monarchico estava enraizado á nossa alma e fundido no nosso organismo social como o sangue nas veias d'um corpo humano. Tinha nascido com este torrão querido em Ourique, atravessado os mares com o Gama, para a India, vibrado na alma dos conjurados de 1640, batido os arrogantes marechaes de Napoleão nas linhas de Torres, vibrado nas espadas de Mouzinho, de Conceiro, de Coutinho, de Galhardo, de Almeida e outros, nas luctas africanas.

E' este o balanço da Monarchia! Eis o seu activo, impossivel de destruir sem nos destruímos com elle.

Como é então possivel condemnar esse regimen que nos deu o Nome, que nos deu a Vida, que nos deu a Fama?! Que fez ser grande entre os maiores, este minusculo povo encravado n'uma península no extremo da europa?! Que assombrou o mundo com o valor dos seus Reis, dos seus Generaes e dos seus Soldados?!
* * *

Pois uma bella manhã, o regimen que tinha servido de berço á nação, foi interrompido na sua marcha secular para dar lugar á experiencia republicana. Nascou como nasceu todas as surpresas. D'um pouco de bamburrio com um pouco de imprevisão. A traição d'alguns abriu-lhe as portas; a cobardia d'outros deixou-a passar, e a indifferença da maioria aceitou-a.

E os sinceros? E os crentes, que, por ingenuidade ou erroneo conhecimento das coisas, acreditavam nas maravilhas apregoadas no rotulo?

Sim, é preciso não os esquecer. Eram bem poucos, mas... *existiam*.

Hoje...

E' agora occasião de repetir as linhas por onde começamos este artigo. Mettam a mão na sua consciencia e digam-nos: o que tem o paiz lucrado com a mudança d'instituições?

A recommendação que fazemos para que consultem a sua consciencia dispensa-nos de indicar a quem nos dirigimos, para que os leitores comprehendam que a pergunta é feita a quem possui o cerebro separado do estomago e não os dois órgãos confundidos. Esses, é claro que não podem ter consciencia, porque essa, se alguma vez existiu, encontra-se absorvida pelo aparelho digestivo, alimentado regularmente pela teta dos dinheiros publicos ou pelas benesses e honrarias que lhes soprem a vaidade.

Só assim poderiam ter chegado onde chegaram.

Só pela anarchica confusão de todos os direitos e de todos os deveres, Suas S.^{as} teriam alcançado os pinaculos onde ridiculamente ostentam a sua inferioridade moral e mental.

Mas a outros bem differentes — embora de insignificante numero — fazemos a pergunta.

Digam-nos os republicanos de gabinete, que ao estudo serio e honesto dedicam a sua actividade consciente, o que lucró o paiz com este vendaval destruidor que começou soprando em 5 de outubro, e vem destruindo ha tres annos Crenças e Tradições?! Que vem semeando ha trinta e quatro mezes Odios e Desesperos; que vem cavando ha mil e trinta dias, hora a hora, minuto a minuto, Abysmos e Rancores?!

Digam-nos os republicanos da rua, que, na officina ou no monte batendo a enxada á luz do sol, sonharam com uma vida nova de encargos equitativos e de bem estar geral remunerado pelo trabalho compensador, fomentado na Ordem, no Respeito, e na Justiça, o que lucró o paiz — o que lucraram elles (molas primaciaes d'esta engrenagem a que se chama nação) — com esta lucta fratricida iniciada na Rotunda, que reduziu a Liberdade á vontade d'um despota sem Corôa, mas de chapeu molle, sem pergaminhos, mas de sentimentos de plebeu rancoroso, sem scepro, mas de marmelleiro truanesco?! Que nivelou a Igualdade na fome dos miseros, que symbolisou a Fraternidade nos carceres atafalhados pelas denuncias, tão falsas como vis e tão vis como perversas, dos esbirros do moderno Santo Officio?!

Respondam estes, porque estes é que fazem parte das unidades vitales do paiz. E porque *sonharam* illudidos pelo canto das falsas Sereias d'outros tempos, teem o dever de confessar altivamente as suas desillusões.

Se n'algum reducto da alma lhes restar o derradeiro argumento de que os homens é que são os culpados, e não o regimen, devem notar que, para que elle colha, é necessario que as instituições tenham no seu activo uma somma de beneficios, tal, que os erros dos seus politicos nada influam no balanço geral.

Estará esta republica n'esses casos?

Poderá considerar-se boa a semente da arvore que só dá maus fructos?

"O MAIOR BANDALHO"...

Diz o *Intransigente* que dos jornaes que mais *carregavam* sobre o tal grande facinora Antonio de Castro, salientava-se *O Seculo*, o maior bandalho da imprensa portugueza, que quando não tem que narrar, inventa e deturpa a verdade, que depois desmente; isto é diario.

D'aquí concluímos que o presado collega tem uma lista feita sobre a bandalheira da imprensa portugueza.

Por favor, pode dizer-nos quem está a seguir na escala?

Iamos apostar em que ha um casal que, filiado no mesmo partido, se esforça para disputar a primazia ao *Seculo*... Até se nos afigura uma injustiça o facto de *O Intransigente* não ter posto o casalinho no primeiro plano que mais não fosse, promovendo-o por distincção...

MALHANDO EM FERRO FRIO...

A' ordem de S. M. Imperial D. Affonso VII, continua de lingua de fóra, estrangulada, a pobre liberdade de imprensa.

O nosso presado collega o *Dia* lá permanece na linda situação da censura e apprehensão, que Sua Omnipotencia, por uma graça especial, tambem conferiu ao *Intransigente*, nosso não menos presado collega da tarde.

Siga a dança... e nada de protestar.

HOMENAGEM A "O THALASSA,"

É vel-o, de monoclo, quando passa,
Rosa em botão, nascido de uma crença
Correcção, polidez, album d'imprensa,
Excelente lição de humor e graça.

Vasto, como do Mar a grande taça.
Traçando em cada linha uma sentença,
Exprime em cada traço a arte intensa,
Sempre de luva branca. — Eis *O Thalassa*.

N'este jardim que o vento açoita, insano,
Cobre-te a capa com teu nome escripto,
Escudo de nobresa e desengano.

Alma tão grande em corpo pequenito,
Sobre a columna immensa do teu plano,
Pareces ir da Terra ao Infinito!

K. CETTE.

A "GRANDE FITA,"



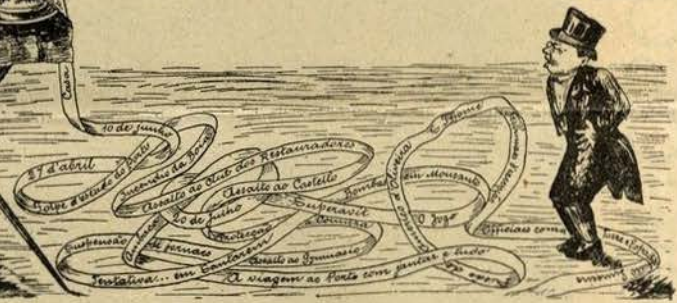
Zé Palonso olha p'ra fitas
Que eu tenho desenrolado
P'ra me ver mais aferrado
No poder que é um encanto!
O 27 d'abril...
Que Santarem a prisão...
Os tribunaes d' excepção...
E as bombas lá de Monsanto...

A fita do Superavit
Que não julguem ser tramoia...
O fogo posto da Boia...
A suspensão de jornaes...
O assalto do Castello...
As manobras de Cezimbra...
A protecção a Coimbra...
A prisão d' officiaes...

O assalto do Gymnasio...
O da Casa Syndical...
A passeata real
Com general á estribeira...
A volta dos presos d' Angra
P'ra julgar na Trafaria...
A prisão bem reinada
D' Americo d' Oliveira...

Golpe de estado do Porto
Em que o Zé foi no embrulho...
Mais tarde o 20 de julho
São fitas p'ra gente rir!...
A melhor, porém, de todas
Para acabar com a corja
E' linda, estando na forja
P'ra muito em breve sair! !!...

JUPITER.



OS VALENTES...

Aquelle impagavel sr. Estebão, que, para delicia das gentes, faz habilidades n'um jornal da tarde, collocando-se na posição natural, atirou ha dias esta parelha de periodos á luz da publicidade:

«Quando em 27 de Setembro de 1910, isto é, 8 dias antes da implantação da Republica, D. Manuel foi ao Bussaco assistir á festa militar, era esperado pela Commissão do Centenario da Guerra Peninsular, na estação do Luzo. Porém sem a menor consideração por quem o esperava, apeou-se na Pampilhosa, seguindo dali em automovel.

Prevenida a Commissão de tal facto, dirigiu-se ao hotel onde o rei se hospedou e, numa das salas, em conversa espirituosa com um dos dignitarios palatinos, dizia o general presidente: «Fomos á estação, mas El-Rei, fugiu de nós».

Eis que se abre uma porta surgindo um joven guerreiro, em attitúde belica, dizendo: «General! El-Rei, nunca fuge».

Sabem quem era esse joven?
O mesmo que 8 dias depois fugia cobardemente pela praia da Ericeira, ao ouvir os primeiros gritos de «Liberdade», saltados pelo povo portuguez.

Foi sempre assim, a palavra dos Braganças!

Ora o burro do Estebão — como elle proprio se classificou n'um rapido momento de lucidez — sabe muito bem que o Rei não fugiu. Vendo que estava a ser igualmente trahido pelo ministerio e mais partes que haviam jurado defender o Throno, embarcou na Ericeira com tenção de se dirigir para o norte do paiz, por mar, visto ser-lhe impossivel ir por terra. Só depois de estar a bordo e já no mar alto, é que, por conselho de todas que o acompanhavam, o sr. D. Manuel ordenou que o barco fosse com rumo a Gibraltar afim d'ali esperarem noticias exactas da situação e proceder como as circunstancias aconselhassem. Que attitúde diferente d'esta podia o Rei ter tomado, não tendo nenhum navio de guerra que protegesse o yacht até ao Porto, d'onde não havia noticias, ignorando-se portanto se ali existia tambem o estado de revolta, sem regimentos que pudesse commandar, porque o sr. Teixeira de Souza tinha tido o cuidado de dispersar os fies, e sem qualquer conselho do seu primeiro ministro que lhe indicasse o caminho a seguir para a resistencia? Que havia de fazer um inexperienced rapaz victima de ciladas e dos maus conselheiros que o rodeavam já com o seu plano formado d'um 5 d'outubro, desde a primeira hora que em circunstancias tão tragicas subiu ao throno? Que havia de fazer sózinho, tendo a seu lado meia duzia d'officiaes briosos, mas que sós, nada podiam?

Nós gostavamos de ver o comico sr. Estebão no seu lugar em identicas circunstancias. Elle e outros, que só sabem insultar, e nas horas de perigo em que se luta-va pela sua propria causa, andavam escon-



didos pelos banhos de S. Paulo e pelas trapeiras das casas, pedindo protecção aos thalassas, então ainda não vencidos.

O que teriam feito essas creaturas que teem muita valentia... na lingua e... na penna, mas que, quando cheira a chamusco, só sabem atirar com o povo ingenuo para as barricadas enquanto elles se vão escudando prudentemente com as paredes das suas casas, ou dando ao pernil para logar seguro fóra de Lisboa, como aconteceu ao brioso sr. Barreto e tantos outros heroes do mesmo genero?

Se um dia acontecesse a estes Estebões o que aconteceu aos outros em 5 d'outubro, nunca mais paravam a dar aos calcanhares por esse mundo fóra...

CÃES DE CAÇA...

Os buffos luminosos dividem-se em duas grandes cathogorias:

1.º Os buffos d'aspecto propriamente dito;

2.º Os buffos disfarçados.

Os primeiros usam o classico bengalão, os fachudos bigodes dos secretas e o pecto... marcial dos policiaes á paizana. Os segundos apresentam-se sob diversas formas.

D'esta ultima especie anda por ali actualmente grande variedade que vae desde o disfarce de burguez abrazilereado até ao guarda-roupa do moço de fretes.

N'uma das esquinas da rua do Ouro todos os dias permanece um d'estes cidadãos com camisa de berrante oxford azul e branco. Assim que lhe cheira a thalassa, elle ahi vae farejando o reaccionario por todos os lados, parando se este pára, entrando nas lojas se este entra, trepando aos electricos se este trepa.

Levado da breca, o homemzinho!

Mas ha mais e melhor.

O gallego do Chiado, por exemplo. Esse é impagavel!

E o careca da Brasileira? E o homem da agua fresca? E o preto do charruto?

Camaradinhos, só para sustentar este batalhão ha-de ser uma conta calada!...

ORIGINAL

São tão raras no nosso meio commercial as demonstrações de vitalidade que estão constando no estrangeiro a preocupação mais cuidada dos grandes emprehedimentos industriaes, que não resistimos a fazer uma referencia especial ao curioso reclame que a casa representante da marca de pneumáticos «Michelin» teve á amabilidade de nos offerecer.

No «Theatro Illustrado do Pnematico» assim se intitula a interessante publicação. O «programma» é constituído por 21 quadros, ou sejam 21 engenhosas applicações de conhecidas peças de theatros, cuja leitura, além de suggestiva, nos dá insensivelmente a impressão procurada pelo auctor, da superioridade dos pneus reclamados.

Antecede-o um bem redigido prologo, e cada quadro é lindamente illustrado com approposadas fotografuras de pneus, constituindo o que, sem intenção de reclame, pode chamar-se um tra. alho de Arte e de bom gosto.

Francamente, reclames d'estes dão-nos por si sós uma impressão nova da grandeza que em nada se compara com a das banalidades pindericas que pare ahi apparecem.

ALPINISMO PERIGOSO...



LIBRA: Oh, Zé! Agarra-te ao *Superavit*, senão perdes-te!...
ZÉ: É elle que me leva para o abysmo; e o diabo é que não vou só.
É caso para dizer: mais vale só do que mal acompanhado...

NO PAIZ DA LIBERDADE

O sr. Felismino Prudencio ha muitos annos que não vinha a Lisboa, sua terra natal.

Empregára-se no estrangeiro, e por lá vivia patéticamente, estimando a sua Patria, que recordava sempre saudoso, alheio ás contendas politicas que por lá se travavam.

Não era republicano nem monarchico. Desejava o progresso e o bem-estar do paiz que lhe tinha sido berço, sem outra qualquer preocupação politica.

Tinha amigos em todos os campos, porque, emquanto vivera em Lisboa, com todos igualmente se dava, desde os palatinos mais ferrenhos até aos radicais mais exaltados.



Quando sahio de Portugal, uns e outros foram despedir-se d'elle, e na sua correspondencia viam-se cartas de pessoas de todos os matizes politicos.

—São todos meus amigos pessoases — dizia o sr. Felismino, lamentando as luctas que dividiam a familia portugueza.

A semana passada o nosso Prudencio chegou a Lisboa e, desejando fazer uma surpresa aos amigos, não avisou ninguém. Installou-se no hotel e começou saboreando a alegria immensa que ia ter estreitando, n'um abraço intimo velhos companheiros d'outros tempos.

—O primeiro ha-de ser o João. Mas onde o puderei encontrar? Com a republica perdeu o emprego e sei lá agora onde é que elle

pára a estas horas! Ah! pergunto pelo telephone para casa... Que alegria que elle vae ter!

E o sr. Felismino Prudencio, depois de consultar a lista dos telephones, pediu para ligarem com o numero do seu amigo João.

—Está? E' de casa do sr. João...

—Sim, senhor. D'onde falla?

—E' um amigo que chegou de fóra.

—A que horas posso encontrar o senhor em casa?

—O senhor...!

—Sim. A que horas está o sr. João em casa, porque lhe preciso fallar.

—O senhor... não está em casa...

—Foi para fóra?

—Não senhor. Foi... foi para dentro do Limoeiro. Está prezo...

—Prezo!

—Sim, senhor. Está prezo como conspirador...

O Prudencio collocou o auscultador no descanzo e ficou-se cabisbaixo, murmurando:

— Maldita politica! Pobre João! Tantas vezes lhe disse: deixa-te d'essas luctas, homem. Não dão senão desgostos. Mas elle, nada. Provavelmente começou para ahi a dar vivas á Monarchia! Ahi tem agora o resultado.

Pegou novamente na lista dos telephones e começou folheando.

—Bem. Vou então primeiro abraçar o Raul. Este maroto é que deve estar bem collocado e feliz. Viu implantado o seu ideal... Talvez director geral!...

Da estação ligaram para casa do sr. Raul.

—D'aqui falla um amigo. O sr. Raul a que horas está?

—O senhor, sr. Raul está na...

—Onde?

—Está em Angra.

—Ai! que pena! Foi então viajar...

—Não, senhor. Está prezo no Castello d'Angra como conspirador...

O Prudencio cahiu das nuvens.

Seria possivel! O Raul, que em longas e entusiasticas cartas lhe havia descripto os seus feitos revolucionarios em 5 d'outubro de 1910, dizendo-lhe que «enfim a liberdade tinha raído em Portugal»; o Raul, que em toda a sua correspondencia affirmava a felicidade do povo com o novo regimen; o Raul, que garantia haver só paz, ordem e justiça desde que o throno tinha cahido—este Raul estava prezo tambem como o João, por conspirador!

Como quem accorda d'um sonho, o Prudencio pediu que ligassem o telephone para o escriptorio do Vicente.

—Este é que me vae contar a razão de todas estas trapalhadas. Bem faz elle em não se metter nunca na politica.

O telephone tenui.

—E' do escriptorio do sr. Vicente?

—Sim, senhor.

—Faz favor de lhe dizer que está aqui um amigo que lhe deseja fallar.

—O sr. Vicente não está.

—E a que horas volta?

—Não volta. O patrão está prezo.

—Está prezo!

—Sim, senhor. Está na Penitenciaria como conspirador...

O sr. Felismino Prudencio não quiz ouvir mais e, cahindo de joelhos, prometteu a Santo Antonio uma vela do seu tamanho se conseguisse alcançar o primeiro *Sud-Express* sem novidade de maior.



ANTES DO 5 DE OUTUBRO

No throno portuguez um Joven Rei sentado. Por toda a parte o Povo ri, trabalha e canta — n'este jardim da Europa á beira-mar plantado— onde ha a Paz do far encantadora e santa.

El-Rei visita o Reino e a todo o Povo encanta. Delirios, ovacões, por todos aclamado, que até aos inimigos isto assim espanta de ver tão livremente um povo avassalado.

Do Porto a Santarem, de Mafra até Lisboa o mesmo grito sempre sobre nós resoa com tanta fé e unção que descrever nem sei!

Nas lagrimas, nos risos, sempre em toda a parte o mesmo entusiasmo á sombra do estandarte da cor do nosso ceu! — Viva El-Rei! Viva El-Rei!

MARIO.



DEPOIS DO 5 DE OUTUBRO

Affonso no Poder qual Czar repoltreado. O povo já não ri, já não trabalha e canta n'este terror da Europa á beira-mar alçado aonde outrora havia a Paz suave e santa.

Affonso vae ao Porto e todo o Povo espanta. E em vez de mil delirios vê-se escorraçado até lhe acontecendo, — ai como isto encanta! — dar um jantar de graça e vel-o abandonado.

Do Porto a Santarem, de Mafra até Lisboa o homem vae e vem e um *Viva* já não soa a sua Omnipotencia e mais á sua grei.

Por isso o nosso Povo já por toda a parte despreza o tyrannete e mais o seu 'standarte e diz dentro do peito: — Viva El-Rei! Viva El-Rei!

MARIO.

O JOGO

A questão do jogo está posta... O jogo está montado; ha dois pontos e um banqueiro... Um ponto apontou e ganhou, ganhando tambem o banqueiro... O outro não apontou com medo de perder; foi tólo. Ainda está a tempo; dobre a parada do outro ponto e verá que ganha com certeza, ganhando tambem o banqueiro...

Eis tudo.

FAZ-NOS COCEGAS

Ha uma coisa n'esta abençoada terra que nos faz rebentar de riso, pela extravagancia da ideia.

Esta de se chamar politico ao homem da bola, só n'esta parvonia da froternidade... Já é descer, oh gentes!

Politico!!! Politico aquillo!... Puff, que é da gente rebentar o coz das calças... por não ter tempo para ir lá dentro... rir á vontade!

Desgraçado paiz, ao que chegaste!

Mas que valentissima pepineira, em que tudo isto cahiu!...

CARTA ABERTA

A um ex.^{mo} buffo da ilha dos gallegos

Cidadão:

Esta tem por fim prevenir-vos de que com esse *travesti* de gallego já não conseguireis nada.

Não ha duvida que a ideia foi engenhosa, mas a vossa dureza d'ouvido é que estragou tudo.

Qual é a *sympathica* e nobre missão de que estaes incumbido? Escutar o que dizem as pessoas que á tarde vão cavaquear o seu bocado pela esquina do *Ramiro Leão* e pelas portas da *Brazileira*, do *Chiado*, e da *Havaneza*.

Para esse fim entendeu provavelmente o vosso superior hierarchico na escala buffica da vigilancia secreta, que o trajo de gallego, com cordas e tudo, n'essa cara alvar com que a prodiga natureza vos dotou, daria os resultados em vista.

Não atendeu porém a duas circunstancias importantes: a vossa dureza d'ouvido, que obriga a uma aproximação demasiada das partes suspeitas, e o terem contido de mais com o benevoloo acolhimento da pituitaria d'estas. Sim, porque o ex.^{mo} buffo tem o classico perfume dos moços de fretes, aggravado pelos caniculares que estamos atravessando.



Se não fosse esta ultima circumstancia, ficae certo de que já terias sido convidado para entrardes na roda do innocente cavaco do largo das Duas Igrejas. A todos que ali costumam ir (depois d'um dia de trabalho, ganho não a fazer fretes ou a espiar o proximo, mas a mourear pela vida honesta e indifferente á politica) trocar dois dedos de conversa despreoccupada e ao alcance de todos os ouvidos, custa vér as vossas afflictivas manobras, ora examinando as finas rendas das montras do *Ramiro*, ora fingindo que estaes esperando alguém na esquina do passeio, ora agitando uma carta como quem procura o destinatario. E tudo isto com permanencia firme durante toda a tarde e principio da noite, enquanto ao vosso olphato de mau peridigueiro se afigura estarem grupos de thalassas ou republicanos desilludidos.

A vossa entrada para o seio do cavaco evitaria todos esses estratagemas ridiculos que affligem o nosso coração bem formado por ir contra o estatuto da benemerita associação protectora dos animaes, a que temos a honra de pertencer.

Mas elle só se tornaria possivel se não fossem os protestos da nossa pituitaria, justamente offendida pelos vossos principios *camachistas* em materia da limpeza do corpo e — porque não? — de alma.

Assim só tendes um caminho a seguir se quereis ser honesto no desempenho da vossa apreciavel missão: voltar simplesmente a fazer fretes ou mudar d'arquivos, apparecendo transformado em buffo de qualquer outra especie, inclusivé a de muar de carroça, para o que por certo vos não faltarão predicados.

E acreditae cidadão, que este conselho é dado no louvavel empenho de que, por negligencia, o sr. Affonso Costa não vos supprima os cobres remuneradores que por certo estaes amealhando para ir vér a familia á terra.

Saude e... bons fretes.

THALASSA.

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES,?"

Já que tenho liberdade
E liberdade d'eleição
Vou fazer-vos a vontade
D'ao plebiscito dar op'nião.

Que grande dificuldade,
Entre tão immortaes nomes,
Em 'sco ler bem á vontade
D'entre todos o mais nónes.

O meu voto é para o noviço,
Isto deversas... decerto,
Que depois de sair do Cortiço
Se diz... de Charula Alberto

MIRANDÉS THALASSA.

Mais nónes que o Nónes não ha,
Po ainas disse: não pode haver;
Eu creio bem que assim é,
Mas parelha deve apparecer.

Para tal serve o illustre Mano,
O grande Senador patusco,
E para ambos eu proponho
Que se levante já um busto.

Reclamo-o sem demora,
Pois não fica bem assim?
Um discipulo de Calino,
Outro do grande Tlim.

Ai que fica mesmo a matar...
O dos furos, sem peruas a andar,
O Mano de bocca fechada a falar,
Que bella parelha parlamentar!

AZUL E BRANCO.

Dos nónes o mais nónes perguntaste,
Dos nónes d'este nónes parlamento?
Dos burros o mais burro já achaste?
Alguem burro mais burro que um ju-
mento?

Pois não vês que em tanta nóneria
Todos são uns heroes na calinada?
Todos dizem nónces á portia,
Todos berram... nónces e mais na-
da?

Mas enfim, attenção, eu vou votar,
No Faustino da Fonseca, sim se-
nhor!
Mas... o lacunas, o dos furos e o
Soisa...

Euréka, já achei, que bella coisa!
Aponta lá, meu Thalassa, sem favor
Voto em todos que é p'ra não errar.

JOVINO OURIANENSE.

NORTADAS

A falta do peixe-espada

Diz-me cá tu, ó *Christim*,
Que desejas que te faça?
S'isto corre tudo torto
Cumié, pois, que tu quer's graça?

A graça vem da alegria,
Da fartura de dinheiro,
Mas eu que *cheta* não tenho,
Já não posso ser brejeiro.

Brejeirices, oh quem déra
Poder fazel-as a esmo,
Até deixar o corpinho
Convertido n'um torresmo!

Mas não posso, a minha Zefa
Anda tambem esbodegada
A repontar co'a car'stia
Que attingiu o peixe-espada!

E diz-me cheia de raiva,
N'uma grande exaltação:
Nem como o peixe comprido
Da minha predilecção!

Foi medida do governo,
Disse-lhe eu p'ra socegar;
Foi ideia do Affonso,
Que a todos vem assombrar;

Assim como aquella historia
Qu'inda sei de creancinha,
Que nos ensina a dizer,
De macaco fix farinha...

Assim o Affonso da Costa,
Com todo o engenho e arte,
Só de peixe fez navio;
Do peixe-espada — Espadarte!

D. PENGRENELLAS.

"PESSOAS HONESTAS"

O Estevão, n'um arrote avinhado, atria para a *Patria* as seguintes consi-
derações:

«Os thalassas delegaram no Homem Cristo, filho, e no Fortunato Mario
Monteiro o encargo da propaganda monarchica em terras do Brazil.

Até um deles afirmou que o sr. dr. Affonso Costa tencionava fazer-se pro-
clamar imperador de Portugal.

Ora quando se faz a propaganda duma causa politica com processos desta
natureza é porque ella não tem a mesma razão de ser e não se pôde impor
como quaisquer argumentos sérios á consideração das pessoas honestas.»

Tudo é possivel n'este mundo onde o outro é que manda.

Porque não, Affonso Costa imperador e o Estevão nomeado consul, a
exemplo do que Caligula fez ao seu Cavallo?

Quanto á causa não se impor por serem os seus propagandistas pessoas
desconceituadas no criterio estevaneco, o argumento não colhe; o Estevão
fez propaganda e a causa republicana vingou, com a ajuda do sr. Teixeira de
Souza e das *pessoas honestas* que o sr. Affonso Costa está mandando metter
nos fortes e cadeias, por discordarem da sua opinião.

Esperae ahí um bocadinho o arguto Estevão; os thalassas já lhe vão contar
em quem delegaram a propaganda dos seus principios.

Estás cada vez mais mystico!

THEATROS

Republica. — A's 8,45 e 10,30 — *De capote e lenço* (revista) com o novo
quadro *400 á sombra*.

Apollo. — A's 9. — *Amor á solta*.

Avenida. — A's 8,45 e 10,30 — *O 31!* (revista).
The Splendid Foz Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião
preferido pela nossa sociedade.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

A'S ARMAS... CIDADÕES!

O sr. Brito Camacho
Sem que ninguém o alafe
P'ra não largar o penacho,
Marchou p'ro Porto... foi gufe!

Vendo tudo adentado...
Vendo tudo em barafunda...
Na corneta do jornal,
Toca o heroe da Rotunda

Heróis de casa... é unir,
Almeida, Affonso e Camacho,
D'outra forma o meu serviço
Lá trá po- gua abaixo...

JUPITER.



A republica periga!...
toca a univ.!

Toca a corneta.
Tocam campainhas;

Ninguém dá uma "cheta"
P'las tres alminhas!...